

LUIZ
SCHWARCZ

O PRIMEIRO LEITOR

ENSAIO
DE MEMÓRIA
SOBRE LIVROS,
LEITORES,
EDITORES
E ESCRITORES



COMPANHIA DAS LETRAS

INTRODUÇÃO

○ ÚLTIMO E O PRIMEIRO

Pensei por muito tempo em chamar de «Cartas de amor aos livros» este que o leitor ou a leitora tem em mãos. O título me ocorreu por conta de um post que fiz em 2018, quando da recuperação judicial das livrarias Saraiva e Cultura. Aquela carta, que teve grande repercussão, era de fato uma declaração de amor, que conclamava as pessoas a também declararem seu amor aos livros, num momento delicado para o mercado editorial brasileiro. Na concepção inicial deste volume, apenas passei para o plural a palavra «carta» do antigo nome, seguindo o formato múltiplo e fragmentário do livro.

Mas, como se vê, nem o título alterado sobreviveu. Na época em que ele encabeçava o livro, os textos sobre pessoas falecidas, através dos quais eu fazia um esboço ou flerte com o gênero memorialístico, vinham no formato de cartas fictícias, que ocupavam os capítulos indicados por números pares. Antes de mudar o tratamento desses capítulos, iniciativa que resultou do diálogo com meu editor Otávio Marques da Costa, eu já me sentia um tanto desconfortável com certa estranheza que os textos causavam e que Otávio soube enxergar muito bem. O título «Cartas de amor aos livros» carregava ainda um toque entre o doce e o apelativo. Assim, as cartas acabaram virando perfis, em que procurei fugir de um tom formal ou acadêmico. São superficiais e, como eu, valorizam o aspecto pessoal.

Nos capítulos ímpares eu busco alguma reflexão sobre temas ligados ao mundo editorial, deixando, vez por outra, a memória se insinuar. São textos leves e despretensiosos, a partir de temas nem sempre tratados na bibliografia acerca da literatura e da sua história. A origem de tais escritos está nos artigos que publiquei no blog da Companhia das Letras em 2016 para celebrar os trinta anos da editora. Esses artigos foram modificados e ampliados significativamente, podendo agora ser chamados de ensaios. Aproveito-me de duas das acepções do termo para evitar maior pretensão no que me diz respeito. A separação entre capítulos com ideias e experiências serve como forma de organizar o volume, mas no fundo são parte de uma coisa só, já que ideias sobrevoam os perfis escolhidos enquanto experiências sempre me fizeram pensar. Por isso me decidi pelo subtítulo *Ensaio de memória*, que representa a mescla encontrada no livro, e mostra também o caráter não definitivo, de esboço, que caracteriza *O primeiro leitor*.

A seleção dos perfis (que dão nome aos capítulos pares) se deu por dois critérios principais. Em primeiro lugar eu não quis falar de autores brasileiros vivos, com os quais minha relação subsiste. A escolha de um e não de outro escritor ainda no exercício da profissão seria impossível e injusta. Nesse sentido optei por pessoas falecidas que tiveram grande importância na minha vida, e na vida da minha editora. Alguns autores e personagens contemporâneos são mencionados quando têm a ver com o desenrolar do perfil em questão, ou por estarem ligados a situações específicas.

A ideia do editor como primeiro leitor aparece em várias partes deste texto, e dá conta de um desejo meu de buscar a descrição na minha trajetória pessoal e profissional. Que enorme contradição é escrever algo memorialístico, tendo uma proposta

existencial que valoriza o silêncio e a reclusão. Tentei aqui me equilibrar nessa tarefa, mas não sei se fui bem-sucedido. Um livro, mesmo que só parcialmente memorialístico, pode ser discreto e modesto? Talvez não, embora eu tenha buscado essas qualidades com toda a minha vontade.

No blog, depois que encerrei a divulgação dos textos em formato digital, recebi sugestões para reuni-los e publicá-los como livro. Mas somente no dia em que atinei a combinação atual com os perfis concordei em aceitar a ideia. Precisei também achar tempo para mexer bastante no que escrevera.

Um segundo motivo foi a queixa de amigos e leitores segundo os quais minha história profissional deveria ter feito parte de *O ar que me falta*, no qual eu trato exclusivamente da minha depressão. Nunca imaginei ser factível a junção dos dois temas. A minha experiência como editor é apenas o pano de fundo de *O ar que me falta*, ou a depressão é o que está por trás da minha carreira profissional. Mas unir os temas continua me parecendo impossível. Encontrei, no entanto, uma forma de ceder aos reclamos e me sentir à vontade na narrativa.

Estas fragmentadas memórias de editor são também, de muitas maneiras, uma história coletiva. Certa vez, creio que na celebração de um dos aniversários da Companhia das Letras, falei que todos ali presentes éramos editores — editores da limpeza, editores de vendas, editores de imprensa etc. O comentário servia tanto para dar relevo ao aspecto verdadeiramente colaborativo da profissão quanto para agradecer o cuidado aplicado em todos os elos da cadeia de produção dos livros. Por isso, para representar todos os colegas com quem tive a sorte de conviver em minha jornada, neste relato cito apenas alguns que não trabalham mais comigo. A essas ótimas pessoas e profissionais, deixo aqui minha homenagem e gratidão.

*

Quando eu já havia escolhido o novo título, um amigo me perguntou:

«É uma homenagem ao Ricardo Piglia, que escreveu *O último leitor*?»

Fiquei chocado. Piglia foi um bom amigo, e esse livro do grande escritor argentino é dos meus preferidos de todos os tempos, ou dos meus favoritos entre os publicados pela Companhia das Letras.¹ Mesmo assim, havia me esquecido dele. Ao reavivar a memória de *O último leitor*, me ocorreu que o título era ligado a uma descrição linda de Che Guevara lendo numa árvore, criando um intervalo na perseguição que sofria na Bolívia. A literatura existia, dessa forma, como suspensão da vida, o oposto da guerra. Mas a «última leitura» de Che não se dá exatamente na árvore, enquanto a vida real caminha para um fim trágico. Ela acontece, aponta Piglia, em outra situação, minutos antes de sua morte. O guerrilheiro fora baleado no combate e levado a uma sala de aula, onde finalmente foi assassinado. Na lousa estava escrito: «*Yo se leer*».*

Ao voltar à obra de Piglia, constatei que o título também servia como metáfora de muitas vidas e cenas. Além das imagens de Che Guevara, quatro outras me parecem muito potentes. A primeira é uma foto em que Jorge Luis Borges tenta ler quando já incapacitado pela cegueira, e para isso cola o livro no rosto, procurando decifrar as palavras pelo toque dos olhos no papel. O último leitor é o que ficou cego de tanto ler, e que criou um mundo descrito, repetidas vezes, como uma grande biblioteca.

* Consta que a última frase dita por Che teria visado corrigir o erro de acentuação na palavra «sé».

Duas outras metáforas no livro de Ricardo Piglia são vividas pelo célebre personagem de Miguel de Cervantes, o Quixote. A primeira mostra esse que é um aficionado pela leitura recolhendo papéis na rua, para, assim, nunca parar de ler. Quixote leu tudo e viveu tudo. No entanto, na narrativa não aparece lendo livros de cavalaria: apenas ao se debruçar sobre um romance a respeito de um falso Quixote, de Avellaneda, no qual são contadas aventuras que ele jamais viveu. Catando folhas para compor sua leitura, ou lendo, por último, um romance falso sobre ele mesmo, Quixote é outro *último leitor*. Há também o caso de Robinson Crusoé, que recolhe entre os despojos do navio naufragado um exemplar da Bíblia e livros em português — já que ele vivera no Brasil — a fim de levá-los consigo para a ilha deserta.

Mas este meu livro é muito mais simples. Os perfis dos *últimos leitores*, Borges, Quixote, Robinson Crusoé e Che Guevara, feitos por um escritor magnífico, servem para dar uma dimensão épica à leitura. O que tentei fazer aqui pouco tem de grandioso. O último leitor é, assim, um herói. O primeiro leitor, apenas um homem comum.

1. ○ LIVRO DOS ACASOS

Muitas vezes me indago por que alguém decide seguir a profissão de editor ou editora. Em que momento da nossa vida o destino mostra a sua cara? Quando é que nossa história pessoal começa a ser traçada? Será que eu virei editor durante meu estágio na Brasiliense, no fim da década de 1970, ao decidir que não seguiria com o plano de me tornar um professor de sociologia, especializado nas teorias disciplinares, de controle social, aplicadas ao mundo das empresas? Ou quando percebi que não me realizaria profissionalmente como um seguidor mequetrefe de Michel Foucault? Será que tudo teria começado muito antes, no ensino fundamental, ao ouvir um conto de Lima Barreto na leitura dramática de um professor do Colégio Rio Branco? Naquele dia a leitura foi interrompida no meio da trama, o livro, fechado ruidosamente, enquanto o mestre anunciava que o restante seria lido na aula seguinte. Não consegui fazer nada durante a tarde, à noite quase não dormi, o mistério dominando a minha mente. Com o tempo, me esqueci completamente de que o conto se intitulava «A nova Califórnia», texto que marcará o início das minhas atividades como editor.

Acho também que uma questão de saúde na família, durante a minha infância, contribuiu para o meu destino profissional. Por vários anos minha mãe passava as tardes deitada, tentando manter os filhos, que duravam pouco em seu ventre

e invariavelmente eram perdidos, fora do termo. Ela prometera irmãos para mim e muitos filhos para o meu pai, mas eles lhe escapavam, em série. Enquanto via minha mãe sempre na horizontal, ocupando seu tempo com a leitura de romances, eu a imitava, sentado a seu lado, com as pernas trançadas e um livro nas mãos. Por vezes interpreto esse meu hábito de ler enquanto cuidava da minha mãe como um prelúdio da minha escolha profissional. A leitura com o olho enviesado, compenetrado em proteger um ente querido, não é um ato qualquer. «Ler» e «cuidar» são verbos que se combinam no trabalho de edição. Aprendi a lição bastante jovem.

O acaso tem enorme papel em nossas decisões vocacionais. Assim como terá na vida de uma editora. Profissionais que se gabam de seus feitos tendem a desprezar os fatores imponderáveis, tão presentes em nossa vida. Contar mais vantagem do que dar crédito a terceiros ou mesmo à sorte é sempre desrespeitoso, sobretudo no mundo dos autores e dos livros. O «fantástico tino» de um editor, em muitos casos, é bem menos fantástico do que a loteria dos encontros que a literatura propicia.

Tendo aberto este capítulo com um dos meus temas prediletos, o acaso, preciso acertar o rumo da escrita, falando de outras vidas e histórias — essas funcionam como a melhor introdução para o que tenho a dizer.

O primeiro livro impresso do mundo ocidental data do século XV. Gutenberg e sua Bíblia é o caso mais conhecido de todos, mas Aldo Manuzio, que viveu entre o século XV e o XVI — sendo contemporâneo de Gutenberg por poucos anos e sobrevivendo a este —, é considerado por muitos o grande pioneiro da edição. Teria sido ele quem editou o romance precursor *A batalha de amor em sonho de Polifilo*, que segundo Roberto Calasso — o lendário publisher da Adelphi — foi o *Finnegans*

Wake de seu tempo. Calasso, usando o exemplo de Manuzio, acreditava que editar é um exercício artístico. Talvez pela justa consciência da sua própria genialidade, o editor italiano atribuía à profissão algo que ela não tem: arte. Fomos os dois convidados para um debate sobre edição literária em Berlim. Sem sabermos o que o outro diria, apresentamos ideias opostas sobre o tema. Com uma narrativa brilhante, meu colega defendeu que havia arte na edição. Citou Manuzio e Kurt Wolff, o primeiro editor de Kafka, como exemplos. Numa explanação bem mais simplória, defendi o contrário. Ainda hoje acho que eu estava certo.

Para os que querem empreender no ramo dos livros, conto a seguir a história de algumas editoras, que surgem nos primórdios da edição moderna, dividindo com vocês o exemplo de muitos homens, e infelizmente de pouquíssimas mulheres, em grande parte de classe alta, que resolvem, no primeiro quarto do século XX, abraçar a profissão — em vários casos sem pensar em lucros, anunciando diletantemente que só iriam publicar livros que atendessem a seu gosto pessoal. Foi o que ocorreu com Alfred Knopf, uma figura curiosa, tão conhecida pelas lindas capas de seus livros como pelos ternos que trajava, bem cortados, porém em cores por demais chamativas. Na época da fundação da sua editora não havia edições de bolso, clubes de livros, que dirá leitura em aparelhos digitais, e os livros eram compostos em linotipia de metal, impressos em máquinas offset não digitalizadas, e eram sempre costurados, nunca colados. Não havia leilões ou disputas entre editores pela aquisição de direitos autorais, até porque o manuscrito teria que ser todo redatilografado para que se obtivesse mais de uma cópia. Assim, o mundo da edição era povoado por gentlemen e, de acordo com os preconceitos de então, abrigava poucas mulheres nos cargos de direção. Se um judeu, como Alfred Knopf, quisesse galgar

a um desses postos, teria que abrir sua própria editora. Dessa forma, o aparente esnobismo na escolha dos primeiros títulos da Knopf diz menos respeito à personalidade de seu dono, e mais ao antissemitismo reinante na época, quando muitos autores se recusavam a ser publicados por um editor de origem judaica.¹

O amor de Alfred Knopf pela tipografia e pelo acabamento sofisticado dos livros, e a amizade de sua mulher, Blanche Knopf, com autores europeus como Thomas Mann e Albert Camus, darão à editora uma aura muito forte e permitirão a criação de um dos selos mais perenes da história editorial de todos os tempos. Blanche, inicialmente secretária de Alfred, será crucial para a marca que carregava o nome do marido. Entre seus contatos futuros estarão Jorge Amado, Gilberto Freyre e Guimarães Rosa, cujos livros editará, nem sempre com boas traduções. O casamento de Blanche e Alfred, vale dizer, não foi tão feliz quanto a parceria editorial. A Knopf foi dirigida durante um século apenas por três homens, Alfred Knopf, Robert Gottlieb e Sonny Mehta, mas hoje se encontra nas mãos de uma editora, Maya Mavjee, a primeira mulher a comandar a «casa dos borzóis» — cachorro esguio que virou a marca da editora mas que frequentou apenas por um curto período a existência de Alfred Knopf. O editor não simpatizou nada com a raça. Transformados em logotipo, no entanto, os borzóis permaneceram para sempre na vida do famoso publisher.

É engraçado que, sete décadas depois, em 1986, ao criar a Companhia das Letras, dei uma declaração muito semelhante à de Alfred Knopf, involuntariamente usando o slogan do editor norte-americano para definir o critério de escolha dos livros que fariam parte do futuro catálogo da editora: «Só editarei livros que eu gostar de ler». Eu acreditava nesse mote, mas ao longo do tempo conscientemente o abandonei. Diferentemente de Knopf,

esperava ter um resultado comercial aceitável, num mercado elitizado como era o nosso no final dos anos 1980. Fui criticado por um dos mais importantes editores da época, Alfredo Machado, fundador da editora Record, que declarou: «Ou o gosto desse rapaz é muito ruim, ou ele vai perder muito dinheiro».

Não era comum, mesmo entre os grandes editores da época, acreditar no bom discernimento e nível dos nossos leitores. Alfredo sempre foi muito gentil comigo, mas publicamente não me poupava. Em outra ocasião disse que eu «botava ovos como galo, e cantava como galinha». Até hoje não sei com precisão o que ele quis dizer, mas isso não impediu que houvesse entre nós enorme cordialidade.

A realidade do mercado hoje, no entanto, é bastante diferente daquela de 38 anos atrás. Atualmente leitores de classes menos privilegiadas movimentam as vendas, as feiras e os festivais. Tudo isso se deve às políticas mais justas de distribuição de renda e às ações de formação de bibliotecas e entrega de livros para a população mais pobre, ambas oriundas dos governos Fernando Henrique Cardoso, Lula e parcialmente também Dilma Rousseff, antes que a crise econômica se fizesse sentir, no fim do seu primeiro mandato, afetando as ações governamentais ligadas ao livro. Um mercado de livros bem mais plural é algo que emociona.

A grita que houve quando resolvemos editar livros «comerciais», em selos separados, dirigidos ao público juvenil ou adulto, em parte pertencente às classes com baixo acesso à escala educacional, vinha não só de fora, mas também de dentro da Companhia das Letras.

É bom que meu slogan tenha ampliado a sua abrangência, que uma editora que cresceu através de escolhas majoritariamente certas para um público mais elitizado hoje publique para

todos os tipos de leitor, sempre com qualidade editorial. Meu antigo refrão mudou de sentido, o que ainda choca muita gente, mas me dá um orgulho danado. O movimento no sentido de ter uma editora menos elitista, com livros voltados não apenas para leitores tidos como cultos, foi uma decisão importante que tomamos, e que causou espécie. Além disso, se mostrou importantíssima para nossa expansão comercial. Foi um exercício que serviu para que entendêssemos o quanto tínhamos que aprender com quem não costuma frequentar os círculos da, assim chamada, alta literatura. Curiosamente muitos dos críticos, internos e externos, da criação dos selos populares e comerciais do Grupo Companhia das Letras eram eleitores de partidos que representam as classes trabalhadoras, ou mesmo filiados a tais partidos. Na cabeça deles, contudo, os livros deveriam continuar sendo editados para poucos. O elitismo cultural infelizmente pode andar junto com ideias políticas progressistas.

Lembro bem que Caio Graco Prado, meu primeiro chefe na editora Brasiliense, na década de 1970, acreditava, àquela altura, ser contraproducente enviar livros para jornalistas. Seu pressuposto era o de que quem lesse uma resenha não precisaria ler o livro. Teria adquirido conteúdo suficiente para conquistar alguém ou fazer bonito numa festa com o resumo do texto, transcrito nas seções culturais dos periódicos. Havia nessa crença uma boa dose de preconceito contra os leitores de livros no Brasil. Não demorou muito, porém, para o Caio Graco mudar de opinião.

Antes da Companhia das Letras, outras editoras já acreditavam na inteligência do leitor — como a Zahar e a Nova Fronteira, e sem dúvida a Brasiliense em sua nova fase. Na Companhia resolvemos levar isso às últimas consequências,

e mostrar reiteradamente ao nosso público que o respeitávamos nos mínimos detalhes, incluindo a capa do livro, o papel, o tamanho da letra, a mancha e a entrelinha — e que a partir dessa atitude pautávamos as nossas decisões. Apostávamos que a consideração com o leitor estava presente em todas as resoluções editoriais, tanto nas menores como nas que aparentavam ser as mais importantes.

Nos primeiros tempos da história moderna do livro, o que aconteceu nos Estados Unidos e na Europa foi um pouco diferente dos primórdios da edição, como a conhecemos, no Brasil. Na América do Norte os editores pioneiros eram em grande parte membros da elite, alunos saídos de boas universidades; alguns se conheciam, e tinham até certa camaradagem. Bennett Cerf, um dos fundadores da Random House, conta essa história num livro delicioso chamado *At Random*,² compilado a partir de gravações feitas por ele para o programa *Columbia Oral History*, e publicado após a sua morte, em 1971. Cerf, de família rica, relata como, depois de formado pela Universidade Columbia — a mesma frequentada por Alfred Knopf —, começou a trabalhar na editora de Horace Liveright, famosa por ter criado a coleção de clássicos contemporâneos *The Modern Library*. Bennett descreve o ambiente do escritório de Liveright, com garrafas de uísque espalhadas e aventuras sexuais nas horas extras, numa época de mescla entre profissionalismo e muita farra. Foi essa conduta que levou Cerf a comprar os direitos da lucrativa *The Modern Library*. Liveright, em meio a aventuras de todo tipo, encontrava-se insolvente, tendo que vender seu melhor ativo ao funcionário dono de uma fortuna pessoal. Foi o primeiro passo para a criação futura da Random

House, já que Bennett Cerf e seu sócio Donald Klopfer decidiram, com o tempo, que, além de manter a coleção de clássicos modernos, iriam editar livros *at random*, ou seja, ao acaso. E nomeiam a sua editora com base nessa proposição. A Random House, hoje parte do maior grupo editorial do mundo — ao qual a Companhia das Letras está associada —, foi, no início, A Casa do Acaso. Por certo o nome da editora dizia respeito à intenção diletante de seus proprietários. Mas inconscientemente também poderia homenagear a maneira como os dois sócios se conheceram: foram sorteados, na fase da universidade, e premiados com tíquetes para um concerto. Nunca tinham reparado um no outro, mas desde esse episódio se tornaram inseparáveis.

O começo das editoras contemporâneas no Brasil talvez não tenha sido tão elitizado — ao menos no sentido de que um bom número de seus publishers não eram milionários diletantes. Aqui tudo se inaugurou com forte conexão com o mercado livreiro. Muitas editoras nasciam a partir de livrarias, das quais no futuro iriam se descolar. Assim, grandes editores do nosso tempo iniciaram sua carreira como livreiros. É o caso de José Olympio e o de Jorge Zahar, entre outros. Algumas casas se originaram de revistas de ensaios e de engajamento político, como a Brasiliense de Caio Prado Jr., que depois também unirá o comércio livreiro à prática editorial. Caio Prado Jr., apesar de ser de origem quatrocentona e de família bastante rica, não se comportava como um membro diletante da aristocracia econômica brasileira. Não tinha hábitos típicos da alta burguesia, atuava como intelectual devotado às classes oprimidas e era membro do Partido Comunista do Brasil. Nesse sentido, seu filho Caio Graco Prado terá postura mais ambígua, aproveitando os prazeres da vida mas nunca de maneira esnobe. Era chamado por alguns, injustamente, de «playboy de esquerda».

O primeiro leitor

Antes de um livro chegar às mãos dos seus possíveis leitores, há um primeiro leitor: o editor, a quem cabe a tarefa delicada, privilegiada e discreta de zelar para que um texto se transforme num livro, operando assim como um mensageiro — ou um canal invisível de comunicação — entre o autor e o leitor.

Luiz Schwarcz lançou-se, em 1986, na aventura de fundar uma editora moderna, movida pelo desejo de oferecer aos leitores um catálogo de «qualidade radical», num país acabado de sair de uma ditadura. Nascia assim, no Brasil, a Companhia das Letras. Quarenta anos depois, Schwarcz é uma inspiração para várias gerações de editores, no seu país e pelo mundo fora.

A aventura revelou-se certa, e a Companhia das Letras é hoje uma das mais prestigiadas editoras do mundo, destacando-se pela audácia e pela inabalável confiança na inteligência do leitor.

Neste ensaio de memória de uma carreira dedicada ao livro, Luiz Schwarcz partilha histórias e reflexões que iluminam o ofício do editor — intrinsecamente subjetivo e humano —, enquanto oferece vislumbres apetitosos, carregados de humor e candura, de escritores célebres com quem privou, como Susan Sontag, Amos Oz, Rubem Fonseca e José Saramago. O resultado é uma *masterclass* de edição e criatividade, fascinante para todos os que se interessam pelos bastidores deste objeto misterioso, capaz de atravessar o tempo pela memória.



«A meu ver, o leitor habita todo o espaço em branco de um livro. As bordas das páginas internas, em cima, abaixo e nas laterais — além do respiro entre as linhas, que denominamos entrelinha —, são os espaços que simbolizam graficamente a presença do leitor. A área em branco, ou aquela que não é ocupada pelo discurso autoral, tem quase a mesma importância num livro quanto aquela ocupada pela tinta do texto. É ali que está o leitor.»

«Uma memória deliciosa que celebra uma vida dedicada ao livro.»

Kirkus Reviews

«Um apaixonante relato sobre o seu trabalho como editor.»

Blimunda

«Um livro para quem gosta de livros. A obra combina ensaios sobre o ofício de editor com memórias de alguém que percorreu com grande sucesso essa trajetória profissional.»

Folha de S.Paulo

«Schwarcz se revela sincero sobre suas lutas pessoais e rigoroso na sua auto-avaliação.»

Estadão



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.companhiadasletrasportugal.com)

ISBN: 978-989-589-436-9



9 789895 894369